

CALENDÁRIO. Por causa de paralisações anteriores, atraso no ano letivo deste ano já é de seis meses

Greve na Ufal gera incertezas

Enquanto estudantes aprovados no Enem não sabem quando devem fazer a matrícula, veteranos estão incertos quanto às datas de formatura

FÁTIMA ALMEIDA
REPÓRTER

Já estava difícil para alunos que se preparam para as etapas finais de cursos de graduação na Universidade Federal de Alagoas (Ufal); agora, fica mais ainda. Somada à greve dos técnicos, que já vinha causando alguns desencontros no calendário letivo, a greve dos professores da Ufal, iniciada ontem, já preocupa quem sonha com a conclusão de curso e angustia quem espera desde o começo do ano para ingressar na universidade.

Por causa de greves anteriores, a Ufal já está atrasada em seis meses no calendário deste ano. O primeiro semestre letivo de 2016 foi encerrado no último dia 7, e o início do segundo semestre iria começar nessa segunda-feira, 28, acolhendo também os novos alunos aprovados para a segunda turma dos cursos de graduação, no Enem de 2015. Agora, não se sabe mais. Até mesmo a matrícula terá que esperar.

Somente na próxima segunda-feira, em reunião marcada para as 14h, o Conselho Universitário (Consuni) vai discutir e

deliberar sobre o calendário da Ufal.

ANSIEDADE

Estudante do 7º período de Jornalismo, Carolina Amorim já contava nos dedos os meses que faltam para se formar. “Ia terminar no próximo ano. Agora, nem sei mais quando”, lamenta ela. Nas suas contas, é a quarta greve que enfrenta desde que entrou na Ufal.

Carolina deixa claro que considera justos os motivos da mobilização ‘contra o desmonte do serviço públicos’, no qual se inclui a própria universidade, mas acha que outros recursos poderiam ter sido trabalhados para evitar a paralisação.

“A greve, quando se prolonga ou se repete muito, acaba causando um efei-

Frase

CAROLINA AMORIM
ESTUDANTE DE
JORNALISMO

“A greve, quando se prolonga ou se repete muito, acaba causando um efeito contrário e desmobilizando. Depois de um certo tempo, as pessoas acabam ficando em casa”

to contrário e desmobilizando. Depois de um certo tempo, as pessoas acabam ficando em casa. É diferente quando são feitas outras manifestações, com a universidade funcionando”, diz ela.

O estudante Matheus

Damasceno também se diz prejudicado, mas apoia o movimento. “É contra a PEC 241 (hoje 55). Ela, sim, é que é um verdadeiro prejuízo para a sociedade”, diz ele.

No último período de Educação Física, Matheus precisa cumprir a última etapa do estágio obrigatório. Para isso, precisa fazer matrícula, “mas o sistema está fora do ar”. O TCC também está parado na coleta de dados. “Já cumпри toda a grade. Só falta esse estágio e o TCC. Deveria ter me formado no meio do ano, mas o calendário está atrasado”, diz ele.

Assim como Carolina e Matheus, Adelba Fausto também apoia o movimento dos servidores e professores da Ufal. “Temos que pensar nos nossos filhos e lutar para que eles te-

nam, também, direito à universidade pública”, diz ela. Mas o atraso também lhe preocupa.

Aluna do curso de Pedagogia, no 5º período, ela diz que a turma já está pagando a formatura, programada para novembro de 2018. “Mas, pelo jeito, vai ter que atrasar”.

PARALISAÇÃO

Em assembleia convocada pela Associação dos Docentes da Ufal (Adufal), os professores da universidade decidiram, na segunda-feira, 28, aderir ao movimento nacional de paralisação que já envolve cerca de 40 universidades públicas, contra a PEC 55 (que impõe limites aos gastos com serviços públicos) e contra a Medida Provisória 746, que reforma o Ensino Médio. ☛